

Nenhuma língua nasce de repente num só dia. Decorre de um longo processo cultural e social de formação e afirmação. E, em rigor, essa evolução e formação nunca acaba: em certo sentido, as línguas vivas estão continuamente a nascer.

Neste processo, há, porém, marcos fundamentais que devem conhecer-se e podem celebrar-se. Poderia ser este, o da “Cantiga da Garvaia” ou “Cantiga da Ribeirinha”, a mais antiga cantiga de amor trovadoresca conhecida, em português. Começa assim:

*«No mundo non me sei parelha,  
mentre me for como me vai,  
ca já moiro por vós, e ai!»*

O poema de Paio Soares de Taveirós esteve datado de 1198, mas investigações posteriores situam-no já no primeiro quartel do século XIII. E é também desta mesma época o Testamento de D. Afonso II, dado em Coimbra a 27 de Junho de 1214, considerado o mais antigo documento régio em língua portuguesa e que, por isso, assume importância ímpar, distinguindo-se claramente de outros documentos anteriores ou coevos.

Não é por ter data certa, verificada e confirmada. O Testamento de D. Afonso II é, primeiro, considerado já escrito em português e não em galaico-portugalense. Segundo, não é um texto particular, mas um documento oficial. Terceiro, não é um documento oficial qualquer, mas um documento do soberano, ao mais alto nível do Estado. E, quarto, sendo um documento do rei e em português, é o primeiro sinal de afastamento do latim a esse nível, antecedendo de várias décadas a altura em que o português seria adoptado como língua oficial e obrigatória do reino.

O texto começava assim: *«En’o nome de Deus. Eu rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal, seendo sano e saluo, tem(en)te o dia de mia morte a saude de mia alma e a proe de mia molier reina dona Vrr(aca) e de meus filios e de meus uassalos(...).»* O que hoje escreveríamos deste modo: “Em nome de Deus. Eu, rei D. Afonso, pela graça de Deus rei de Portugal estando são e salvo, temendo o dia da minha morte, para a salvação da minha alma e para proveito de minha mulher, a rainha D. Urraca e de meus filhos e de meus vassalos (...)”.

Este é, na verdade, o primeiro documento que não só atesta que a nossa língua era já própria e autónoma, mas evidencia também que não tinha somente curso popular, antes ascendia ao mais alto nível de um Estado – Portugal, que lhe deu o nome e, mais tarde, o estatuto – e se consolidava para vir a tornar-se língua oficial. O Testamento de D. Afonso II, cujos 800 anos passam exactamente hoje, pode, nessa medida, ser apontado como marco referencial fundamental do surgimento e afirmação da nossa língua.

A ideia inscrita na expressão feliz de Vergílio Ferreira – “*da minha língua vê-se o mar*” – marca o destino posterior do português. Foi pelo mar que, a partir do século XV, os portugueses semearam esta língua pelo mundo, continuando o seu enriquecimento com outras palavras e expressões de outros povos e lugares. Foi, depois, assumida e incorporada por outras culturas. E brasileiros, angolanos, goeses, macaenses, timorenses, moçambicanos, são-tomenses, guineenses e cabo-verdianos não mais deixaram de prosseguir e ampliar a viagem da língua portuguesa quer nas suas terras e nos seus continentes, quer também nas suas respectivas diásporas por terras alheias. O português fez-se cada vez mais uma língua global: o português, língua da Europa; o português, língua do Oriente; o português, língua das Américas; o português, língua de África; em suma, o português, língua do Mundo.

Hoje, a língua portuguesa é uma das mais importantes línguas globais, tesouro de culturas e de comunidade, ferramenta preciosa em tempos de globalização. E é, por isso, um dos mais valiosos instrumentos dos falantes que a partilham, um antídoto contra a irrelevância e a secundarização, um pólo de centralidade contra a marginalização periférica.

Terceira língua europeia global, terceira língua também nas Américas, língua em avanço em todos os continentes e de procura crescente por terceiros, a língua mais falada do hemisfério Sul, terceira língua do Ocidente, estudos recentes do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua e do ISCTE situam-na já como a quarta língua mais falada no mundo, a quinta mais usada na internet (com a quarta maior taxa de crescimento) e a terceira mais usada no Facebook. É a única língua que, além do inglês, tem presença como língua oficial em todos os continentes. Língua própria de países com uma população de 250 milhões e uma área total de quase 11 milhões de km<sup>2</sup>, representa actualmente 4% da riqueza mundial, em espaços de relações económicas e comerciais cada vez mais intensas e sendo também a língua de três dos dez países com maiores descobertas de hidrocarbonetos. Em 2050, aqueles estudos apontam que será a língua falada de 350 milhões de pessoas.

Numa palavra, os dados objectivos indicam que, para a língua portuguesa e todos os povos que a partilham como instrumento comum, os próximos 800 anos poderão ser ainda mais radiosos do que os 8 séculos que passaram desde aquele dia em que D. Afonso II a escolheu para documentar o seu Testamento.

É essa consciência que temos de consolidar e aprofundar, valorizando e defendendo a língua portuguesa em todas as instâncias internacionais e cultivando-a como um dos mais preciosos e estratégicos recursos naturais dos nossos países, bem como das comunidades políticas e económicas regionais em que se inserem. É um extraordinário capital de relação.

É essa confiança no futuro – e, simultaneamente, determinação – que queremos sobretudo marcar e celebrar, na data de hoje.

Assim:

Assinalando a passagem de 800 anos sobre o Testamento de D. Afonso II, dado em Coimbra a 27 de Junho de 1214, considerado o mais antigo documento régio em língua portuguesa,

Atentas as disposições constitucionais e regimentais aplicáveis,

Os deputados do CDS-PP, abaixo-assinados, propõem:

A Assembleia da República, na data em que se assinala o oitavo centenário de um importante marco histórico no percurso de formação e afirmação da língua portuguesa (o testamento de D. Afonso II, de 27 de Junho de 1214), destaca o inestimável capital e recurso estratégico que o português constitui, abraça todos os que usam e cultivam a língua portuguesa no Mundo, seja os que a recebem como língua materna ou a têm como língua oficial, seja os que a aprendem como segunda ou terceira língua ou desta se aproximam com crescente curiosidade ou interesse, e saúda todos aqueles que, em todos os continentes, afirmam e valorizam a língua portuguesa como língua de cultura e de ciência e tecnologia, língua corrente, da política e de comércio, e que, partilhando-a, dela fazem, todos os dias, uma das mais importantes e dinâmicas línguas internacionais contemporâneas.

Lisboa, 27 de Junho de 2014

Os DEPUTADOS DO CDS-PP,

Nuno Magalhães

Felipe Almeida

Fernando

Alc. L. M.

José Pedro Gonçalves Pereira

Teresa Maria Anjoia

